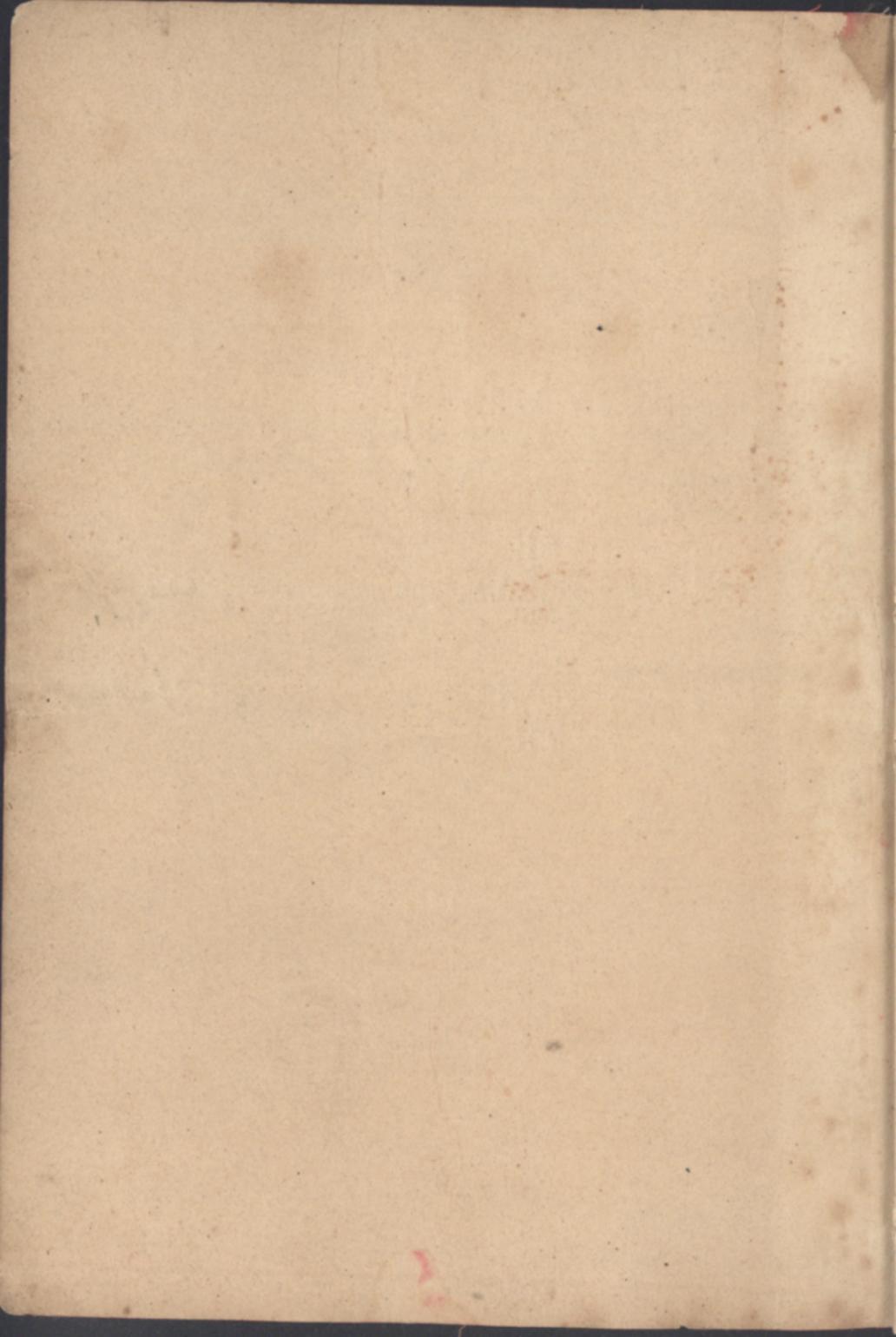


Poesias. N.º 17

de

M. de la Parra



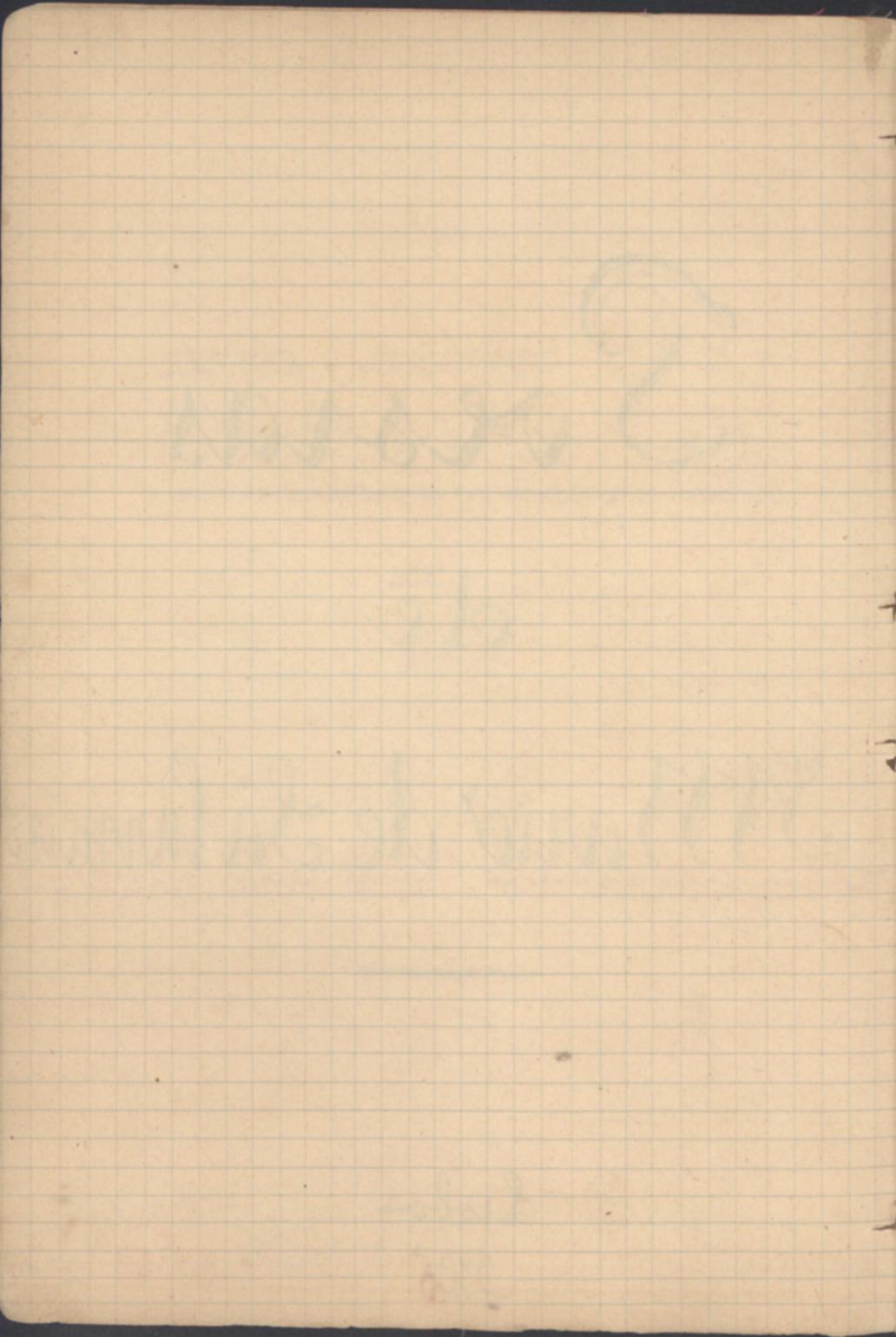
S orsias

ole

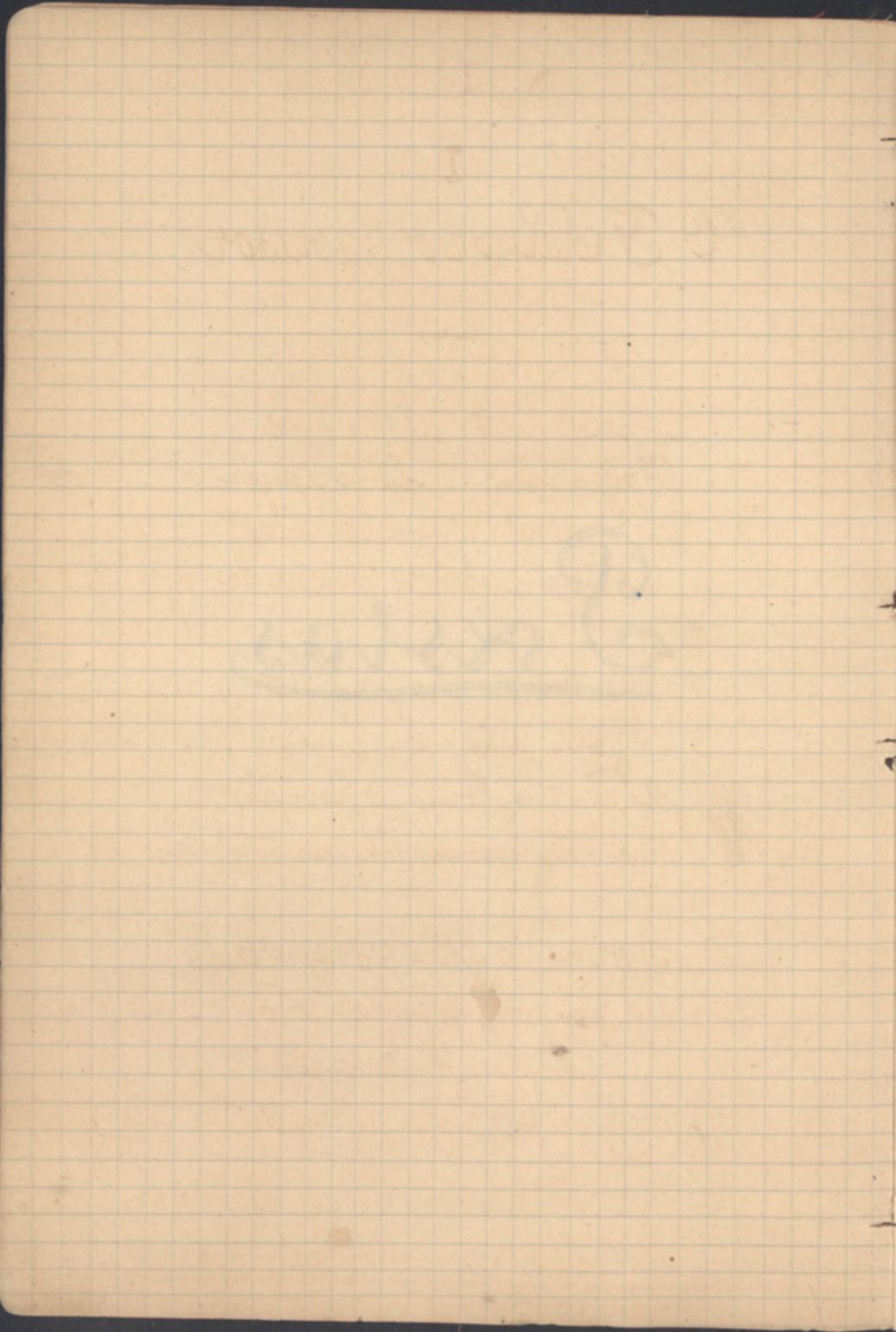
M ario de Sã larmeiro

Lisboa
1906





Poesias



O Fidalgo e o Lavrador.

É meia noite, e o baile
 Folga tudo e tudo dança.
 E' mesm' hora o lavrador
 E' o seu casebre descansa.

Uma hora, e o palacio
 Agora vai-se almoçar.
 E a chupana o lavrador
 Já terminou de jantar!

Dorme o fidalgo num leito
 De pennas, sobressaltado.
 Em tabuas o lavrador
 Desjansa, mas socegado!

24 abril 1903.

A noite de Natal.

Em a noite de Natal
 Alegram-se os pequenitos;
 Pais sabem que o bom Jesus
 Costuma dar-lhes bonitos

Vão se deitar os lindinhos
 Mas nem dormem de contentes
 E somente ás dez horas
 Adormecem inocentes,

Perguntam logo a criada
 Quando acorde de manhã
 Se Jesus lhes não deu nada.

- Deu-lhes sim, muitos bonitos.

- Quando nos já levantar
 Respondem os pequenitos.

25 abril 1903

A Tempestade.

A tempestade é hominel
 Não ha nada mais medonho.
 Parece mesmo impassivel
 'Spectaculo tão tristonho.

A tempestade é do inferno
 Pais no ceu não a pode honrar,
 Ella é do rei do Averno
 Que de Deus não pode ser!

1903

IV

A Quinta da Victoria.

Existe em Camarate,
 Terceira suburbana
 Uma quinta que encanta
 Toda a alma... sendo humana!

Ella é mesmo um paraíso!
 Essa quinta que é minha
 Chama-se a gente do sítio
 Da Victoria ou Ribeirinha.

Em essa bella vinenda
 Em a qual eu fui creado,
 Existe tudo o que existe
 D'este a caçella ao cerrado.

Querem vender essa terra
 Porque faz muita despesa.
 Mas quando se fala d'isto
 Digo eu assim com asy'resa:

- Não vêem que esta quinta
Dá uma fructa tão bella?
Seus ceitaras d'uma figa
Sepam gratos p'ra com elle

30 julho 1903

~~u~~

V

O amor.

Mate

Amor é chama que mata,
Sorriso que desfalece,
Madeira que se desata,
Perfume que se esvaia.

(Popular)

Galusas

Amor é chama que mata,
Dizem todos com razão,
É mal do coração
E com elle se embodece.
O amor é um sorriso
Sorriso que desfalece.

Madeira que se desata
Denominam-no também.
O amor não é um bem:
Quem ama sempre padecer.
O amor é um perfume
O perfume que se evapora.

17 maio 1905

VI
A Rosa

Mate

A rosa para ser rosa
Deve ser d' Alexandria.

Gulosa

A rosa para ser rosa
Deve ser muito cheirosa
Muito fresca e ^{muito} miçosa
Como tu linda Maria
Seja branca ou encarnada
Amarella ou rosada
Deve ser d' Alexandria.

1905

VII

Perfil

do esc.^o sem. Custódio Valente, professor do Lyceu

Um metro, se tanto, tem d'altura;
O peso da cabeça: meio grammã,
O do tronco é só d'un Kilogramma
D'un milimetro é sua grossura.

Na cabeça que é hestante duma
Existe por fora muita lãna,
Por dentro, algodão em rama
Formulas, theoremas, terradua...

Dizem ser elle onui valente;
Será verdadeira esta acerção?
Podê ser pois nê-se muita gente,

Como o feroz el apolião
Sendo pequenna, e não ingente
Ter mui valeroso o coração.

VIII

O Clarim.

O ar está pua, a estrada e larga
 O Clarim toca: á carga,
 Os Lusos não cantando.
 Lá em cima na collina,
 Na floresta quea domina
 O inimigo está esperando.

O Clarim é um valente
 Quando a lucta é iminente
 É um rude campeão.
 A batalha, a sua guerra
 Faz-lhe mais do que uma ferida,
 Os pés, na frente e na mão!

É elle que guia a festa
 E a sua ampla testa
 Cuberta está de suor.
 Elle segue, segue p'ra frente
 E sua trombeta ardente
 É incluída com fervor.

E só por ella levado
O mais cohardê soldado
Com coragem sempre avança.
Sob o seu clangor ardente
Tudo se torna valente
Cheio de brío e de esperança.

Ainda mais avançaram
Os soldados e chegaram
Há ao cume da collina.
Defendem-se bem ligeiros
O inimigos arterios.
A refrega é ferine.

Logo á primeira descarga
O clarim tocando á carga
E' ferido perigosamente.
Mas por um supremo esforço
Levante elle o seu sôrço
E toca mais fortemente.

O valente clarim
O inimigos ficam assim
Chamados e derrotados.

Mas vendo que os seus venceram
Que os inimigos moneram,
Depois de ter esse gozo;
O nosso heroe se agita
E vendo a victoria grita
E' o as forcas que pende tu:
Bravo, Bravo! Oh soldados!
A seus oh filhos amados!
E acalhou de viver!...

(Traduzido do francez de Deroulde)

31 março 1905.

Fragmento d' uma poesia de V. Hugo
que trata do espoliação.

.....

 E o heve olhando para o céu
 Bradava: o futuro é meu!

Não, o futuro não pertence
 A ninguém, no mundo, a ninguém.
 O futuro o grande Deus
 E verdade no céu o tem.

Todas as cousas da terra
 A riqueza e a gloria,
 A felicidade de na guerra,
 Coas reaes mui brilhantes,
 Victorias hem celebradas
 Ambições realizadas
 Cabem nas nossas pousadas
 Como raios fulminantes.

oão! quem quer que seja, ou rico ou pobre;
Um rei ou um pastor, nunca descobre
Essa coisa vã!

O futuro objecto mascarado
Que anda sempre, sempre ao nosso lado
Chama-se amanhã!

D'amanhã (nosso mysterio)
Qual será a semente?
Amanhã é o futuro
E o futuro somente!

Um novo mundo encontra-se,
Um traizoso desmascara-a,
Paris em Roma tornar-se;
Amanhã é isto tudo:
Um asperissimo caminho
Coberto de muito espinho,
Amanhã do Chrono o ponto
Hoje é o seu velludo.

Amanhã, amanhã (emaranhada tea)
E' conquistada por Moscow que s'encontra

Iluminando o céu!

Amanhã, amanhã (a mutação na scena)
Elha, Waterloo e Santa Helena...
Até fim o mausoléu!

(trad.)

13 Junho 1905

X

À morte de W.....

Meu Deus, meu Deus; dizia ella a chorar
Porque mates tu este innocente?
Se tão lindo m'ò quizeste fazer
Para que m'ò tires novamente?

P'ra quê? P'ra quê? P'ra me castigar?
Eu nunca me portei malosamente...
Não me queiras mais martyrisar
Oh! Deus, oh! Deus, sê clemente!

Mas pouco a pouco se ia definhando
E a negra morte ia se apressando
Do seu pequenno corpo já formoso;

Mas não te desespere, não, oh mãe!
Lembra-te dos outros que também
Faz soffrer o Deus tão poderoso!

Agosto 1905

Velha Anecdota.

Passando pelo Chiado
 Uma senhora honrada
 Um estudante delicado
 Disse-lhe: — É uma rata

Preca, pura, enebriante
 Mui vizosa e perfumada;
 Vossa Exclencia é estontante! »
 Ella tuda espenetada

Respondeu ao q' lanteador:
 — « O mesmo não lhe dizes
 Penaliza-me senhor;
 Mas não posso. Que fazer! »

O nosso heroe, o estudante,
 Que p'ra respostas se pinta
 Retorquiu no mesmo instante:
 — « Oh! minha senhora minha

Como a Vossa Exclencia eu fiz.
 'Toda não ha succedinho! »

IX
Ella curir - he mais não quiz
E seque o seu Caminho!...

795

XII

Como o meu amor brotou por ti,

Ao luar estavas sentada
 Quando te amei e te vi
 Cantar um lindo canto
 O qual canto eu hem ouvi

Escutei - o uma vez só
 Mas não pude-o hem lembrar
 E por ^{na prova} isso ^{te} não dizer
 O que estavas a cantar :

— " O meu coração esta sendo
 Pelas setas do amor
 E por isso não chamar
 Para o tirar o do vector.

Que é um lindo rapaz
 Mas bello do que uma rosa
 Tem os olhos m. to negros,
 A bocca mui graciosa,
 E' alto, e elegante

E amo-o até ao sétimo.
Eu só quero pra elle
E por elle tudo termo.

Vê-lo, vê-lo, falar-lhe
E pra mim o maior gozo.
Ló' elle no mundo quero
E quero pra mim esposo.

O meu coração está ferido
Pelas settes do amor,
E por isso vou chamar
Para o sanar o doutor!

E' só d'aurora d'este canto
Pelos seus olhos cantados
Fiquei por ti, oh! meu anjo
Leucamente enamorado.

1905

O castigo da Cordeza.

Vira a seus pes, apuechado
Um punhepe ate!...

Milhares de milhares tinha estafado
Sem scrupulos, sem fé!...

Mais do que um joven fascinado
Pelo seu olhar

Havia-se sem esperanza succedido
Depois de se arruinar!

Era soberba e oná, era c'nujesita;
P'os pobres nunca olhava.

Porem era ella tão formosa
Que a todos encantava!

Leuava a paes e maes os ais e o lucto,
E nunca se ralava!

Mortificava sempre, sempre o rosto ensucado,
E jámais orava!

De dia ou quando ella ostentava
Sua infernal belleza,

A' route na opera se sentava
Como uma duquesa!

Um dia pareceu como encontrasse
Um misero pintor
E como o coração lhe palpitate
Com grande amor;

Sentindo idolatria - lo com paixão
Lanca delirante
Entregou - lhe para sempre o coração,
Qui-lo para amante, ...

Ha uma artista um seculo
Que se é pessoa omo,
Que se até - sem pae teia assassinado
Por um thesouro!

Em extravagancias o pintor
De todo a annuon,
'E que sem triste sia (oh! honra)
A afundalou!

Que me teve um fim bem desgraçado
Eu não sei digo.
Porém esse artista tem amado
Fai o seu castigo!...

1905

Oh! se isto succedesse
Ai! se isto acontecesse;
Sempre então eu viveria
Tão feliz como nos céus!

Mas fôrem a minha sina
E' sina hem desgraçada
Pois é má a minha amada
Pa ser... por ser a menina.

Cruel e linda como é
O'ão que tem por este amor
Enquanto que eu, ^{meu} Oh! ~~fôrem~~ 
Somente em viver ho fé!

E' hem triste a minha sorte
Pois nem sequer co'á morte
Terminará o meu fado.
O meu amor é eterno
e nunca terá a cabed'o
Embora vá p'is inferno
Ou no ceu seja hospedado.

.....

Com amor mui nobre e tanto
Eu adoro meu thesouro.
E eis terminado este canto
Menina da França d'ouro!

Novembro 1905

A uma actriz.

Amo-te, oh! formosa, oh! divina mulher,
 Oh! sol, oh! fada, oh! estrella, oh! Estella
 minha!

Do meu coração és tu a unica rainha!

Por ti desafiava o proprio Lucifer,
 Os santos, Deus, o mundo... a ti ori!

Amo-te Estella como nunca amei!

Só em ti penso quando enfraquecer-me

é do meu b' isto ^{finto} arida em que não tenho fé!

Por ti, por ti, não fulgues que te mento,

Crê que matara a minha mãe até!

Amo-te Estella com amor profundo

E tu nem me conheces, oh! como é o mundo!

Vê-se uma mulher e pela vez primeira

Attenta-se n'ella... é d'ella a nossa

vida inteira!

VX
É uma celebractriz por todos adorada,
Quando pisas o palco, Estella, fascina de
A plateia toda fica... é eu mais que ninguém
Lance... lance um S'amos... e de favor
Tambem

Porque te adoro muito (não com 'graciosa)
Oh! formosa, oh! divina, oh! gatinha eu quero!

Vi-te no theatro, ha tempo, enchevante
Uma feza representas. do mesmo instante
Como todos, por ti, meu cor foi encantado!...
O esse monte não dormi, em ti só eu pensei
E se esse esse dia, Estella ame i
Amei...

O meu coração trincado, em guerra, tu
conquistado...

.....

O teu olhar de fogo foi quem 'stoppy.
Eu não sei sei um dia ^{salas} de te ver
Estella, meu anjo ^{de luz} ^{de luz} sempre desde essa vez!

Amo-te, amall-te-hei, oh! querida
daí me dá a
ate-mover

Mas nunca, nunca; escuta; tu conheces

Quem isto sente e diz e...

Nunca o amas!

4 Janeiro 1906

Duas existencias.



D'uma casa em que faltava
 O luz o ar e pão
 Entrára ella na vida
 Tendo ao seu lado um cão;

Pais no dia em que nasceu
 Monera seu pai tamhem!

Vira ^{assim} ~~para~~ a luz do mundo
 Lozumba com sua mãe!



D'um rico, claro aposento
 Entre velludos e rendas
 Onde as mais pequenas fendas
 Para não entrar o frio,
 Embora fosse no estio
 Se tamhem clafetões,

Onde tudo era alegria,
Onde tudo era cuidado
Tinha no mundo elle entado
Em um esplendido dia!

Crescêr só rodeada
Pela dôr, pela pobreza,
Pela fome, pelo frio,
Pela miséria e tristeza

Crescere elle ao contento
Entre risos d'alegria
Entre abundancia, opulencia
E tendo tudo o que quer

A mãe d'ella mui soeinto
alão podia trabalhar;
A linda e pobre criança
Tinha pais que a sustentor
Para isso noute e dia
Estava sempre a sustentar!

Elle não, não trabalhava,
Nem nada levava,
De coisa alguma cuidava,
Exceto dos seus prazeres.
Festoua Sinheiro a todos
Mas era celebre entre todos
Pelas seus tiens e mulhaes!

Maria como uma deusa
Era bella era formosa.
Olhos lindos, quaciosa
A bocca, e as mãos de joia.
Alta não muito, elegante.
A tez do seu semblante
Offinosa mas descorada.
Tinha mui negro o cabello
E de tal maneira bello
Que qualquer pessoa ao vê-lo
Ficava estafaniada!

Tambem elle era formoso,
O rosto branco e roseado,

O seu labio por um buco
Louro e fino assombrado.
Era em fim João um moço
Que devia ser amado.

Por grande fatalidade
Encontrara elle um dia
Ainda e casta e pura
Em uma rua da cidade.

De ver tão grande belleza
Na moizinha, na pobreza
Ficara muito espantado.

De effusão o coração
Palpitava ao seu olhar!...

.....

Por ella foi elle amado!...
Com grande amor innocente.

Amou-a elle tambem
Porém... creminosamente!

Passou-se tempo e a pouca
Cham nas ganas do elute!

E' bem certo que amei Lomba
A providencia no mundo
Com um cynismo profundo
Pois em quanto que ella
Donzella tão desgraçada
Vendo-se ludibriada
Viver, mais tempo não queria
E co'a vida terminava;
Elle, o infame João
Continuava a viver
Rico, alegre e feliz
A uma vida de prazer....

Março 1908

Canção do rei de Thule.

(de Goethe)

Em Thule outi' oia reinou
 Um rei fiel e constante
 Ao qual uniu-linda a amante
 Um capo d'ouro seiscou.

Quando o rei n'elle hebia
 Todas as doas a meza;
 Chio de São e tristezza
 Em pranto se desfazia!

~~Do mar que chegava a morte~~
 Reuniu na mesma sella
 Em um hanquete de gala
 Toda a corte a sua cõrte.

Fôra n'esse mesmo dia
 Que o rei herdicos chamava,
 O rei, ao qual seiscara
 Os bens, todas que havia

Porem o capô adorado
D'amore tão doce lembrança
N'ão fez parte da herança
Linha-o elle separado!

O mar ficara fronteiro
A sala em que se jantava.
Diante do rei lá estava
O seu fiel companheiro.

De hebr tendo a ceiado
Bebe o ^{seu} brago ^{tremente} vacilante...
~~Estão n'esse mesmo instante~~
~~por esse~~
O capô ao mar é lançado!

^{elles}
Quando se esqueceria
^{quando se tocava o fundo}
Deitado no mar furfureando
Deiscaria o braço do mundo,
Terand'os olhos mores!

7º março 1906

Lorelei⁽¹⁾
 (de H. Heine)

Num lindo dia de agosto
 Corria bem manso o Reno
 O céu estava sereno
 O sol já quasi posto,

Em um barco um pescador
 Navegava lentamente
 E levado p'la corrente
 Cantava cantos d'amor.

De repente a sua vista
 Demorou-se fascinada
 Ao perceber que sentada
 De um rochedo na orla

Penteava uma donzella
 Formosa como uma fada
 A sua trança dourada
 Tinha mais que o sol-bella.

(1) - Leía-se Lorelai porque em alemão
 ei vale ai.

E cantando uma canção
Ao mesmo tempo ella cá
Cufa doce melodia
Comoua o coração .

O baqueiro allucinado
Não alhava p'ios esculpios
Pois fregados tinha os olhos
Na Sanyella ; extenuado !...

E num instante (oh ! horror)
O lindo braço alysmou - se .
Com elle junto afoçou - se
O infeliz pescador .

O canto de Lorelei
E' doce e é commovente .
Se pose alguém e ouvi'o
Esse alguém por certo at'rahe ;
Outro^{amim} como elle não ha,
At'ados farsena, encanta
A sua harmonia é tanta...
Elles somente a morte dá !...

16 maio 1906

XIX

Recordações de um moribundo.

I

A morte de mim já se aproxima,
Vae terminar a vida e é somente
Um ultimo suspiro que me anima.

Manter eu desejava ardentemente
Porque não mais agradeceri,
Porque dormirei eternamente;

E como meu martyrio acabarei!
Foi tão mísera, tão triste a minha sorte
Que no túmulo até, nunca a esquecerei!

Em fim não ser feliz! Enguento a morte
Porém 'inda me deixei ao... olhar,
Emquanto minh' alma ella não cõite
A minha desventura quero recordar!

II

Oh! que formoso jardim!
Que bello lago no meio
D'agua límpida bem cheio

E peixinhos a nadar!
Que ^{intenso} fixo aroma a jasmim
Emhalsama o puro ar!

Que raios que o sol lança!
Que azul que está o céu!
Com um carinho de mão
Puxado pr' um meigo cão
Brianea ao longe uma criança...
Essa criança sou eu!...

Oh! a reza se vê sentada
Uma pouco mais para além
Uma senhora bordando
Pela qual é regida
A criancita brincando...
A senhora é minha mãe!...

Oh! que existência tão bella
Sem cuidados no prau!
Que neméque ha de vir
Esta aurora escurecer?!
E proficia a minha estrella
Mais feliz não posso ser!

Venturosos são também
Os meus adorados pres:
E eu peço uma minha onça
E por ella é muito amado...
Viver tão abençoado
Haue no mundo já mais!...

Que alegres dias risonhos
Como eram bellos os sonhos
Que sempre sonhava então!
Mal havia de dizer
Que tinha que soffrer
E o mundo sem compaixão!...

III

Era uma celebre actriz por todos adorada,
Quando pisava o palco, fascinada
Com uma vibrante aclamação
Por certo a plateia irrompia!
E toda inteira essa multidão
Soella aplaudia!

Como uma deusa era formosa:
Olhos de fogo, bocca graciosa

Pis de Bendrillon, as mãos de fada,
Alta mes não muito elegante.
A idade trazia embriagada,
Ea estonteante!

Quando malquem seus olhos fixava
Em estatua de espanto essa algum tomava,
Tal o fogo que vinha ao olhar!
Etão satânico e lindo o seu sorriso
Que ninguém depois de o sopotar
Ficava com juízo!

Personificava em fim a formosura
Essa enebriante creatura,
Que todos e si acalentava!
Se alguém tinha o anjo de a feter
Ella é esse ~~alguem~~^{minero} se apossene...
Fazia-o desapaçar!...

IV

Tambem quiz admirar
A sua gentil figura
Que meio mundo encantara!
D'ahi partiu a minha desventura!
Feliz e descuridado

- Eu no chatô entãra ;
Mas aparece por fim sorridente, bella...
E por ella
Sou fascinado !

Amei - a ...
Tambem disse amar - me ...
Junto de omim chamaia ...
Aunca pensei que havia de meter - me ! ...

V

Numa cumenda envolvida
Em hoques redefantos
Dai's ternos amantos
Lerum feliz vida !

Que por tã bello !
Faz gosto nã - lo !
Como se amam !
Sã tã formosos
Todos os chamam
Os Venturosos !

Wa verdade isso era assim !
De manhã pelo jardim
Com ella eu frasseava .

E que bello era o passeio!...

Sempre d'alegria cheio!

Uns eu... como eu a meuar!

A me tangara, claro

Que era sempre pones e revo,

Sentava-se ella ao piano

E cantava uma canção

Que me enchia o coração

De prazer... ficava ufano!

Dizia assim a cantiga:

«Havia uma rapariga

« Que não cria no amor,

« Seu coração era livre

« e não tinha nenhum sentos!»

« Enquanto que as outras todas

« queriam só... só namorar

« ~~ela~~ ella que era a mais formosa

« «afatava-se a trabalhar!»

«

« «des um dia o deus Cupido

« «to passar p'la sua terra

« Preparou nella e cantão

«Declinou - e logo guana!»

«Tal dita raparica

«Estava agora com fervor

«E acredita seriamente

«do amor... amor... amor!...»

Se ouvindo canções tão lindas

Ficava arrepiado ainda:

«Começava ao longe o cantador

«essa trua sentida

«e minha trua guanda;

«Amor... amor... amor!...»

E zanga logo a cabeça:

Os nossos lábios se uniam

«e os lábios então se uniam!...

«Como eu... como eu a amava!...

VI

Passaram-se três meses

«e o declinar do último eu às vezes

«tão a cabeça a mesma a minha em ante:

«Parecia detestar-me

«Parecia não amar-me

«Ea porém sempre estonteante!

Um dia por força tive que saber
E ao voltar não a vendo air
do meu encontro como costumava:

Fico louco...

Espero um pouco...

Não vem!... Eu não a chamo!...

Perdo', sem pena tinha - me de isso

Mas não desanimei e procurei-a!...

Achei-a

O seu coração por outro fora conquistado!...

Resolvi mata - lo... mata-la!... Não matei,
amando-a m. to eu queria a ver feliz!

Se nella só, eu a ventura achei

Por ella morrerei ^{já que} ~~por~~ assim o quiz!

Tinha que ser triste a minha sorte!

O descanço eterno agora não a peço

O mundo p'ra sempre acou abandonas,

Venha pois a morte... a morte... a morte!...

E morro amando essa mulher fatal

A quem p'ra sempre ^ventreguei a vida

E me pagou tão mal!

Elas ellas não se lançam!... Deitam-se ao chão! 10
Uma ao pé da outra!...

Do balcão 9
Precisamente ao meio entre ellas 10
Uma leva este da linda mão 9
Da mais linda de todas as donzelas. 10

E ao seu cavalleiro diz assim 9

A dona da lua: «— Se o amor 9
Que asseguraes nutir por mim 8
E 'tão evidente como me juras, 10
Se diante do feuzgo nós não existos 12
A lua idê apanhar-me já, sentos! 11

Refuzo como um peão e sem festonejar 12
Ao terrível recinto de seo o cavalleiro!... 12
Com tenor... com espanto verdadeiro 9
Vêm-mo todos avar? ar!... 8

.....
.....
E elle traz a lua tão e tal 9
Resoa então um grito de louros!... 10

D'eu grito e' elle só o alus!... 9

Com um minuto termo alhar d'amor 9

Recche a donzella o venador; 9

^{mas} ~~e~~ embora nesse alhar offereça 10

So ceuelleis a felicidade queida 10

Elle asorto a luna lhe auemeça 9

Voltaudo - lhe as costas em sequida! 9

29-IV-1906

A loba

(de Schiller)

Já-se temer um mui sangrento 9
 Combate entre medonhas feras, 8
 (Oh! barbaros costumes d'outras eras 10
 Em que existia tal divertimento) 10
 Como já era el-rei sentado 9
 Altivo soberbo, magestoso, 9
 Pelos fidalgos rodeado 8
 E formando um círculo gracioso 10
 Nam as damas num helcão 8
 atlegas... sorridentes... lindes... bellas... 10
 Ahem-se as faldas e sabe S'ellas
 Primeiramente aos saltos um cão. 10
 Depois em canoa mais veloz 9
 Dohei des lhas ao encontro nem 10
 Um tigre rugindo, mui feroz 9
 Que de Satanaz os olhos tem. 9
 tudo se torna então silencioso 10
 Olhando as feras mudo... encias. 19

NSD/A!
Adieu... adieu oh! doce amante grande...

XX
A voz espirou-lhe na garganta
O seu corpo todo estremeceu
A sua alma... a sua alma sentida
Descançou por fim... enterra-o seu!

Marco - Abril 1906.

~~Adieu~~

A
Adieu ao meu



Gasconada

(Do francês)

Em Roma um gascão junto a um cardeal
Exaltava o seu Gawnna perseverante:

«É um rio importante,

«Um rio sem equal!»

Escoamir isto retorquiu sua eminencia:

«Não nego do Gawnna a escelencia,

«Porém com o Tibe, em comparação,

«Cria que não velle quasi nada»

Responde-lhe o gascão

Saltando uma gogalhada:

«Não me falle no Tibe, que se tivesse ouzado

«Passar p'lo meu castello, não me pensa o quê eu faria,

(2) «Logo ordenaria

(1) «Que fosse engraçado!»

Consolação a um amigo pela morte da sua amante.

afonua a tua amante e a sua imagem linda
alegre e bulizosa, fulgas mes ainda!...

Unindo aos teus lábios os lábios seus trementes,
fulgas também nê-la e os osculo acedentes

Senti-los a quemos!...

chinda e entereis esqueta, q'ra ei' ora,

D'riminal, elachante, como as flores aniquisa

Sornir e fessinar!...

chreucando- lhe da vida a p'ra ora essencia

el' no q'ra morte seu d' d'eterminum

F'ncidar- lhe a orastouar!...

el' as ella em a flôr ... ora as flores se nascem

E' no' para que passarem

el' a vida seu a membe. Se essa elle passem,

Se depois ^{comendo} do mundo disse a d'us

E abandonando a terra entrem ora ellus

el' d'ã ac' fu que é que choras...

Por acaso já viste alguma rosa
Demora-se no mundo m.^{tas} luas

Busca emigoa?...

De certo não. Pela hui's
O teu ~~fruto~~ castimmo do pranto
Que no céu vela por ti
Que em na terra te amma tanto.

Lo mmo o seu capto exorangle
Laffer-te tu atugmento,
Bun sei, futura-te sente
Que era mais do que tu souge.

Ho Deus amaldiçoate,
Oh! mmo, sendo perdido
O teu thesouro mais querido...
Depois a morte implorato!

Que d'igo: não a embices
Puis é excusado pedir
E' cruel quando alguém
Determinou possuir;

Os mmoos quit os d'as
Pecha os annos e os airt

Que levantam, lazinhas,
Amantes, filhos e paes!

Vendo-a sempre inanimada
Tu fallas-te d'esta sorte:
O meu ^{oh!} Deus compade-te,
Oh! faz-me merecê da morte!...

coisa a pleqas porque ella
Tambem te mirará hucce.
fulgas ^{talvez} ~~outro~~ que no mundo
Hes-do ~~te~~ ^{sempre} ficava!...

Subirá tambem aos ceus
Onde a tua querida amante
Estappuando palpitante
Os perdentes heifos teus...

Serás então venturoso
D'ella não te afutaras
Sempre ao teu lado serás
O seu pupil gracioso!...

Coragem, não desampres
Pague a morte ha de levantar,
Quando tu meus espires
Ora o ceu ardebrar - te

Alento, alento, coragem
Reage... tem paciência!

Quem o mesmo que Deus quer
É a única paciência
Que dá a termos repouso!...

Amigos pois:

Paciência!...

Lr. 12-VII-06

Historia commovente.

(mondofo comico)

Typo = Mapas novo, hem vestido, um pouco exagera
do atle, leuns e bengala; quando chega tira o cheffeur, em
fuzimento e começa recitando:

Uma historia simples, commovente
Tenho aqui narrat.
Nãõ me faça impertinente
Vou principiar.

Ea uma vez....

[a' parte, aneploids - 20]

o que nãõ sei

Esqueceu sua historia....

(recomeça)

O nem como dizia....

[a' parte aneploids - 2]

que nãõ sei

Mas falta-me a memoria...

(recomeça)

Ea uma vez...

[a' parte, para o ponto]

O ponto esta' comado

E nada me recorda

Estava fazendo um fig'zãõ de um
e o homem nãõ recorda (...)

[Nota - che com o bengala nãõ o recodo moster-se diz]

O que mes nãõ se mesce, idem tãõ
de e talhe equi!...[Lance-se-se, aneploids, esqueceu-se o ponto, depois de leranta-se em e
parouido e diz: para deute!]O epresso a cecidãõ que esta' nãõ
O ponto alli?...

(sem ter honras que azeiteados pelo actor pu esta recen-
tando transportem o ponto em baixo, sem acaido perclan-
tas, depois de alguns instantes, o actor volta sempre
as laquises e dirigindo-se tritamente ao publico diz:)

Senhores era comumente

le que eu ia contar

Prun a morte meus repente

le ponto quiz notes

Não posso proseguir o livro meu

E mandar que o espectáculo se termine

Por isso me despeço.

(retira-se, volta para logo curando oshopneis, e taencido)

Após, mes que eu se

le ponto não mimen... o ponto esta' tachado!..

acense para allora, mas volta-se para o publico dizendo
(muito com amio que se envergado)

E eu agora declare

effão posso a calhar a historia

Por um motivo infame:

Porque... me falta a memoria.

Com o cor'pinto eu contava,

cuão a tampa de curado

effas o ponto nada dizre

Poris se elle esta' tachado.

Não posso continuar

afes ali' senhas pelas almas

que me le' tem dem palmeas

que me senas me-me meast

to e' tal como o punto

Alum proheito

Seas não dão mim-me tachar.

(sabe finissimo)

27 de agosto 1906

XXIV

Quardras

A tua tão negra trança
 Desata anfo formoso
 Que quero tomar um banho
 De teu cabelo sedoso.

A chemma do teu olhar
 Quando incide no meu rosto
 Sinto que queima ainda mais
 Que o sol do mez d'agosto.

Enaice os meus sentimentos
 Teu sorriso encantados;
 A minha alma desfalece
 Ao contemplar-te flôr.

Se eu tivera uma madeixa
 Do teu cabelo sedoso
 Passaria a vida inteira
 Beijando-a cheis de gozo.

Os teus lindos olhos negros

Dardefam fogo sagrado
Que chega perfu' tament
P'ra fazer um helho assado.

~~Exmos a' chama que~~
Amor é chama que mata
E mi' dizer a alguém
Pois eu com esse tal chama
Tenho me dado onui leu.

Pa' fume que se encie e
Dizer tament do amor
Se da cheirar a suor
Atã e perfum e fedor.

E mais facil com uma mão
Mata q'arenta elephantes
Do que teres ^{tu} num só do
M' enoo ^{do} que vinta amantes.

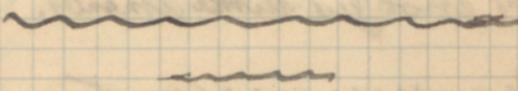
Eu quizera que o amor
Se conhecesse por fora
P'ra nos quantos a menina
Hoje em dia nemora.

Se toasse um instrumento
Que me medisse quanto eu quero

A ti adorado anjo
Marcava... marcava zero!...

Eu amo-te decidamente
Por ti... arresumem...
Uma galinha bem gorda
Que contigo comeria.!

Agosto 1906.



Amor ou morte.

É formosa
 Como a rosa
 De manhã,
 Facciosa
 Caprichosa
 E mi lúgã.

Pequito tu és mi lúnda
 Fe aramante
 Estanteante
 Como antre não mi arde.

N'isto fuxti fraiscão aima
 Lo'a ti no mundo a bair
 Por um elmo.

Pais vejo que és mais esquiva
 E oh! sim mas m'ê mais
 Que a reni'fama!

É por isso salto a'is
 Lancinantes
 Penetrantes

O'ra que tu és mi lúnda

Mas que tu oh! mã não ames
Que fizes não attendes.
Com elles não te comoves
E sem dó não me soffres.

Pois saiba minha flor
Se o meu amor não quizes
Mint' alma ames não quizes.
Eu morerei. Oh! humor
Então de tal penitencia
A culpada

Serás tu oh! minha amada
Danzella tão linda e fada!

Sei este creminoso
Indigno de compaixão
Teus um curso honrado
Ephacelais um aração!

E ^{não será} ~~meu~~ tão cruel
O mais cruel assassino
De insetos mais tigrino
Como tu Jomba sem fel!

XXVIII

© que querem que aqui faça?...

(monologo comico)

Typo = Sujeito completamente vestido de esca. Extramente amarel. Chega a scena, dirige-se immediatamente ao publico e começa:)

Bom noites. Como passam?...

El.º hem ao que parece.

© que querem que aqui faça!

Digam lá: Que lhes appetee?...

Que recite lindos versos,

Ou que cante um bello fado?

Que diga uma cançoneta

Ou um monologo engraçado?...

Senhores e' pedir por bucca...

De tudo, de tudo ni,

Se até uma vez sólinto

Em um fuetto cantei!.....

Alguns

Mas Eufemio uma peça inteira

Lozinhos,
sem mais
actores

Eu aqui a represento

M. to só, sem mais pessoas!..

P'ra que é que serve o talento!?...

Ates ninguém me pede nada?...

Sem cerimonia é mandar...

P'ra que é que eu aqui vim

Não foi para os alegrar?...

E ficam todos calados!...

Ates esse caso não me emborra...

(a uma renteira)

Vou. esculencia que pertence!

Diga lá minha renteira?...

Talvez queira que eu cante

A aria da Tosca... Não...

E quelques treços da ^{Chida} Fedora,

Da Chida ou do D. ^{opção}?

Tyrana!... Fica calada

Cousa nenhuma me diz...

Nada posso aqui fazer...

Ai como sou ^{me torna} infeliz!...

Por isso re...
Talvez que aquele cavalheiro
De refazer uma comédia
E' do ^{padre} ~~padre~~ ... a nascer
Eu represento... Ou então
Se preferir uma tragédia...

(Desencorçado)

Também nada me responde!...

(a uma dama)

E inocência, bella dama,
O que escolhe uma opereta
Ou um ^{nação} grande melodrama?..

(ainda mais desencorçado)

Tem... na mesma data
Fica muda como um burro!...

(batendo na testa)

Ah! finalmente sei!...
O que querem é que os deixem!...

(Compunho a casaca)

Muito bem, vou retirar-me
Sem a minima demora.

(avanzando a bocca da
sena, ao publico)

Digam porém uma coisa
Antes de eu me ir embora:

esperet de nada queirem
N'uma espanella capiram
Porque meus caros ventros
Um monologo... sempre ouviram!...

(sabe rapidamente)

21 março 1907.

Cheia de feitor ella estreitava
Uma honca ao peito e a solgar
Colindo-a de caricias, e heifera
Como que p.^a a rozejar!...

Deixes viva a creenga co' impossivel
Saber-se-hia tudo e de tal sorte,
Triamos á forca, á forca doivel
Onde nos deixam ^{a merecida} ~~em punição~~ a morte!...

Ori-fais pi'a creenga sem demora,
Aganei-a, não gritou, desaron as
E disse-me: «- Senhor matem me embora
Elas da minha honca temba to'!...»)

Estremeci.... E' que nos olhos seus
Havia uma tão grande e tal doçura
Que a minha alma, corrompida, impura
Pela vez primeira aceou Deus!...

Desviei o meu olhar dos olhos d'ella
Tequi na face p.^a lha enterrar,
Offas ai-lhe no rosto uma expressão tão bella
Que a ~~alma~~ mão sente tremos e vacilar!...

Fiz então um esforço desesperado...

Entreei-lhe a faca em pleno coração!...

"— Não heita na Lili, tome cuidado!..."

Gritou-me ella ao haquear no epão,

E docemente, sorrindo p.^o mim, se pirou!

~~E a espada na minha mão!~~

Até!... repares nem rei o que senti!...

Et febre do meu ^{cerebro} corpo se apponou...

E chorei!... sim chorei!... Depois fugi!...

.....

A Lili, a boneca da innocente

E' p'ra mim a reliquia mais sagrada.

Conserua-la hei eternamente

Naquelle gaveta hem guardada!.... "

21 março 1807

Versos d' amor.

Eu conheço uns olhos negros
 Que brilham como diamantes,
 Cheguei-me p.^o o pé d'elles
 E fiquei tal como d'antes!...

Eu conheço uns olhos azues
 Que alumiam scintillando,
 Of' os tentos até' heifado
 Ellas nunca os fiquei amando!...

Conheço uns olhos azues
 Como outros nunca não vi
 Seres, bellos... Por elles
 Of' mais amor eu senti!...

Tambem conheço uns cestantos
 (Que são os teus miúda amada)
 Bem malgares nos pebos quos
 Of' imp' alma anda apaixonada.

Conheço uns cabelos louros
Que são o' ouro precioso
Há-lhes ~~for~~ como o perfume
Elas não fui nenhum goso!...

Conheço uns cabelos negros
O e branco o mais retinto...
Passo a minha mão por elle
Elas nada... mas nada sinto!...

Também conheço uns vermelhos
Os quaes já alguém mataram...
Apesar d'isso os tyrennos
A em reguet m' impressionaram

Elas eu sei quem são outros
O cest' outro mais vulgar
Cupa d'ana graciosa
Fide sempre e d'olhar.

Tão velhos elles são,
Tão finos, tão abundantes
Que no mundo não existem
Por cento outros semelhantes!...

Conto Sei de mi^{ta} melhor bella
Que não posso falar
So a ti, a ti meu anjo
E' que eu hei de sempre amar!...

21 março 1907

A Cozetezã.

O pensado m.^{to} espavoroso,
 Os lábios tintos com carmin,
 O cheiro feitas a estagnar,
 O vestido justo e vaporoso

Para as formosas hem lhe amolbar.
 Ella anda assim, quasi que nua,
 De noite e de dia pela rua,
 P'ra tar e p'ra diante sem parar.

Entrega-se a qualquer pois necessita
 Anegar o preciso p'ra viver
 Vende o seu corpo por não ter
 Outra coisa que venda ... cuitadita!

E' infinitamente desgraçada
 Esta mulher que quando ama,
 Vê que colheita está de carne,
 E que essa carne não pode vir tinda

Compaixões devemos pois nutrir
Por essa tão mísera creatura
Que como as brônquitas nasce para
Dias que depois veio a recumbrir!

Aquella que uma infancia rodeada,
Tiver nunca de ~~bram~~, sempre de mel
Ven a calvir, isto é fatal
Nesta existencia negregada!....

22 março 1907

Antitese

I - O carro de Boas = O automovel

Um carro de Boas p'ra andar
 Uma legua em estrada liza
 Sem carga m.^{to} pesada,
 Ch'ais que uma boia precisa!...

Um automovel p'ra fazer
 Ch'ais que tres na mesma estrada
 Ch'em meia vem a gastar
 Levando carga pesada!

II - A mala posta - O comboio.

P'ra ir de Lisboa ao Porto
 Seis dias em mala-posta



São precisos e que perigos
O que lá vai não arrosta!

P'ra fazer esse trajecto
Fiz em camions de ferro,
Sem perigos, eu necessito
De seis honras, re não erro!

III - O navio de vela = O paquete.

P'ra ir ao outro mundo
Um navio de vela, eu
Le levar só quatro meses
E' fá um favor o seu!

Mas se tomar um paquete,
Dos maiores que hoje ha,
Apesar em cinco dias
Lá, por certo, posto lá!

IV - O correio = O telegrapho.

Uma noiva da Australia
 Que venha pela correio
 Gasta em chegar a Lisboa
 Talvez mais que metz e mais!

Se fuzen pelo telegrapho
 A mesma for enviada
 Em menos que um segundo
 Sei' ella co' chegada!..

V = A cera - A luz electrica

Para heu i' illuminar
 Um salão, mes co' com velas,
 Quantes deseros, e caxtos
 Necessitanos nós d'ellos?

Mes se for com luz electrica
 Uns dez aros chegam,
 E mais clau que o dia
 Te' icari' esse salão!..

VI = A agulha - A machina de costura.

P'ra fazer uma camisa
Com uma agulha, à mão,
A mais agil costureira
Gasta por cento um verão!

Essa mesma se tiver
Uma machina de coser
Quato em ~~uma~~ ^{uma} só noite
O'lo menos deve fazer.

22 março 1904

~~~~~

# Historia da Nossa Festa.

[p.<sup>a</sup> o programma do saraun promovido  
em 15 de marzo de 1904, a favor das  
victimas sobremontes do incendio da rua  
da Magdalena, no theatro do gynnasio e  
los alumnos do Lyceu de São Domingos.

---

:

---

Caro leitor, eu pretendo  
que me fique bem conhecendo  
a historia inteira da festa  
que hoje vai presenciar.  
Faz favor: Atençaõ presta  
porque eu não já começar.

O senhor Julio dos Santos  
tendo un dia a bella ideia  
d'um saraun organizar  
fo' cá do nosso Lyceu,

Da lembrança parte deu  
el alguns dos seus companheiros,  
Desses foram os primeiros  
A Novas, o Peres e eu.

Para isso era preciso  
Eleger uma comissão,  
Com tal fim organizou-se  
Uma grande reunião.  
O Sr Santos assumiu,  
O Comité, a presidencia  
E com uma pose ultra-grande  
Disse assim Sua Excellencia:

a- Amigos eu reuni-os  
Porque lhes quero dizer  
Que me achava que este lyceu,  
Que existia por ser o meu,  
Uma grande e bella festa  
Deveria organizar  
Para mostrar que é unido,  
Estudioso, esemplar,  
Pra se tornar conhecido,

Para se tornar afemado.  
Não concordam?))

«- Apoiado!))

Quitou a serem bláia em peso.

«- Bem agora só nos resta,  
Proseguir illustre Santos,  
Eleger a commissão  
Que de tudo tratará,  
E eu propunha que p'ntal  
Fosse feita notação  
Nominal.))

Distribuiu-se papel  
A' conspicua d'assistencia,  
A qual os votos mettia  
No chapéu da presidencia.

Apurada a notação  
Teve este resultado,  
Para nós mui honzoso:  
Presidente = Julio Santos,  
Vogaes = Mello e Sá Carneiro.

Depois os três delibramos  
Agregar mais dois vozaes  
E p. a isso chama'mos  
Oellaméde e o V. Pereira.

Constituída a commissão;  
Sem barulhos e sem ralhos,  
Esperansosa, unida, ordeira,  
Iniciou os seus trabalhos.

Nas nossas reuniões  
De varias questões tratamos,  
Uma pega a nauje'mos,  
Uma pega de valor,  
E todos os actores escolhemos...  
Mas chega a grêve maldita,  
Por isso, que dissolhor,  
Todos os nossos trabalhos,  
Deorgados, interrompemos.  
Que má sorte! Que doadita!

Porém nada dura sempre -  
Passou tempo, terminou

A queiro e tudo voltou,  
Como dantes, ao normal.

Itai por esta occasião  
Que trouxe o incendio terrivel  
Na Rua da Magdalena,  
Essa catastrophe horrivel  
Que alarmou a capital.

Conduido por Tal caso  
Disse-nos um dia o effello:  
«Um fim altuista e bello  
Pode e deve ter agora  
O sazan que pretendemos  
Todos nós organizar:  
O producto entregamos  
Aqueelles que escaparam  
Do incendio, mas que fomos  
Por causa delle ficeram.»

«E' a ideia de primeira»  
Cyrita tudo e tudo approva.  
Atem um unico dos membros  
Tal pensamento reprova.

E nós todos, desde então  
trabalhamos a valer,  
Com mais gosto, mais modéstia,  
Com coragem, com prazer.

O pouco que conseguimos  
Vale a paciência avaliar,  
Pois que toca a campanha,  
É no espectáculo começar,

4 maio 1907

# A Elegante

---

Ao longe:

«Bellos cabellos!  
 São de ouro fulgurante!  
 Que linda trança! Que abundante!  
 Sim senhor! Bellos cabellos!»

De perto:

«Ah! mas que nojo!  
 São postigos! Não são d'ella!  
 Bolos! p'ra trança bella,  
 Pois não é d'ella, hein nojo!»



Assim como o cabelo,  
A elegante s'hoje em dia,  
Tudo o que traz, é portis  
Desde os pés 't' ao toutinejo!

6 de Janeiro 1908

# Recitativo da Ginginha

(p.<sup>a</sup> uma revista)

---

C'á longa penca vermelha na ponta,  
Aos horcos, onitonta, a cambalear,  
Ei-l'á aqui vem a hem lusa ginginha,  
Sempre promptinha p'ra todos tuchar!

Com meu sangue, que é sangue de Deus,  
Sem escarcens, tristezas eu limpo;  
Por velhos e novos sou pois adorada,  
E así venerada, qual deusa do Olympo.

A pobres e ricos, alegre e aquejo,  
A todos offerêço um lugar em meu seio:  
Tuchar todo o mundo! é minha missão,  
Sublime pensão, que colheita, eu basto!

É beber-me ós! rapazes, que eu souvos  
alento,  
Taher e talento, p'ra tudo apprender!  
Farei o que eu digo! bebi da genyralta,  
Que encas depressomta kavis o e  
apprender!

fev. 1908.

Nota: O recitativo foi feito p.<sup>a</sup> uma revista  
academica planejada primeiro com a collaboração de R. Pe-  
rez, agregando-se-lhe depois R. Texeira Duarte  
e Vergilio Silva, R. Perez e T. Silva desistiram  
porém, ficando em lugar d'elles, Thomaz  
Calveira Junior que com R. Teixeira  
Duarte e comungo a concluir, tendo a iso

representada com o título de ? na noite  
 de 24 de abril de 1908 no Theatro do Gymna-  
 rio, na recita promovida pelo grupo Dra-  
 matico do Lyceu de S. Domingos, sendo a musica  
 coordenada (e com alguns n.ºs originaes) por Al-  
 fredo d'Antua. Este recitativo porem foi  
 cantado juntamente com outros n.ºs. et-  
 diante vão alguns d'esses. Nota: Os n.ºs em  
 verso que exerevi foram os seguintes (recitados): Ofi-  
 nologo do ponto = Verso do Secretario da em-  
 presa - Versos do relógio - (recitados em musica)  
 Recitativo de et. no D'emer Cri - (Cantado) Ba-  
 lance dos condimentos - Trecho do Jogador de Ponte,  
 Mandieguero e fareleiro - Fado d'Archimedes  
 e coro final. : lites ultimas de collação  
 com M. Teixeira Duarte.



XXXVI

Algumas coplas e versos de  
Revista popular e aca:  
Semica?

# Índice

- I - O fidalgo e o barador.
- II - A morte de Catal.
- III - A tempestade.
- IV - A Quinta da Victoria
- V - O Amor. (pote e flores)
- VI - A Rosa. (mote e folosa)
- VII - Perfil. (soneto)
- VIII - O Planim (traduzido de Oroulède)
- IX - Fragmento d'uma pueria (traduzido de Victor Hugo)
- X - A morte de W... (soneto)
- XI - Velha anedota.
- II - Como o meu amor brotou por ti.
- III - O castigo da catogaã.
- IV - A menina da trança d'ouro
- V - A uma actriz.
- VI - Duas existencias
- VII - Canção do rei de Thule (traduzido do allemão de Goethe)
- VIII - Lourei (traduzido do allemão de H. Heine)
- IX - Memórias d'um moribundo.
- X - A lua (traduzido do allemão de Schiller)
- XI - Gasconada (traduzido do francez)



- XXII - Consolação a um amigo pela morte da sua amante.  
 XXIII - História Composta (monólogo cómico)  
 XXIV - Quadras.  
 XXV - A quem?  
 XXVI - Amor ou morte  
 XXVII - Ensanguentada história (monólogo cómico)  
 XXVIII - O que querem que aqui faça? (monólogo cómico)  
 XXIX - A Boneca (narrativa d'um saltador)  
 XXX - Versos de amor.  
 XXXI - A Cortezã.  
 XXXII - Antitheses.  
 XXXIII - a nossa festa.  
 XXXIV - a Elegante.  
 XXXV - Precitativo da Sengemba (p. uma oitava)  
 XXXVI - Analises.  
 XXXVII - Precitativo de ell.<sup>ma</sup> Democri. (da r.?)  
 XXXVIII - Feado de Archimedes (idem)  
 XXXIX - Monologo do Ponto (idem).



